

## A MODA E O PADRÃO DE BELEZA CORPORAL EM CONTEXTOS CULTURAIS: PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

*Fashion and the standard of body beauty in cultural settings: first considerations*

Leahy, Renata Costa; Doutoranda; Universidade Federal da Bahia,  
renatagr@gmail.com<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo apresenta as primeiras reflexões do projeto de doutorado *Metáfora do cabide: o mundo da moda e a influência no padrão estético corporal feminino*. Evidenciamos o mundo da moda como participante dos ideais estéticos e de gosto que interferem nas ideias de beleza corporal, considerando os diferentes meios socioculturais em que cada olhar sobre o corpo e a moda são constituídos.

Palavras-chave: corpo, moda, cultura, padrão estético, beleza.

### Abstract

*This article presents the first reflections of the doctoral project Hanger Metaphor: the world of fashion and the influence on the female aesthetic body standard. We highlight the fashion world as participant of ideals of aesthetic and taste, which interfere in the ideas of body beauty, considering the different socio-cultural environments in which every look on the body and fashion are made.*

*Keywords: body, fashion, culture, aesthetic standard, beauty.*

### Introdução

O corpo é posto em evidência na contemporaneidade de forma particular: o imperativo do cuidado corporal e as questões estéticas que suscita. Vaz (2012) e Le Breton (2007; 2012) sinalizam vetores de mudança da experiência contemporânea do corpo; de um lado, as tecnologias de ação direta sobre a carne do corpo, como as biomédicas, põem questões éticas e estéticas em pauta, pelas possibilidades da doação de órgãos e pela busca cada vez maior por cirurgias plásticas. Por outro lado, Vaz (2012) também aponta o mercado como influência na atenção ao corpo, já que as instituições que colaboram para o bom funcionamento da lógica mercadológica utilizam-no como local

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestre pelo Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC/UFBA). Pesquisadora do Observatório da Economia Criativa - Bahia.

privilegiado do indivíduo. O corpo é, sob essa ótica, mais um objeto vendável na sociedade, através do trabalho da necessidade da beleza e da responsabilização pessoal pelo próprio parecer, o que propaga por toda a sociedade ocidental uma cultura do bem-estar e da saúde, bem como uma cultura de consumo de moda.

Para Lipovetsky (1989) existe um trabalho simbólico sobre as necessidades, essencial ao funcionamento da sociedade de consumo na qual nos encontramos na atualidade. Deste modo, o culto ao corpo é um dos instrumentos para fazer funcionar a lógica de mercado: é uma das mais eficientes formas de criar a necessidade do consumo, para se tornar, o próprio corpo, uma “mercadoria vendável” aos olhos da sociedade. Le Breton (2012) mostra que o ator social contemporâneo, que porta certa autonomia para a construção de si, revela no narcisismo um utensílio de controle das instituições atuais. Nesse intuito, Featherstone (*apud* CASTRO, 2001, p. 20) aponta a combinação de quatro indústrias – moda, publicidade, cosméticos e Hollywood – como grande influência à ideia de beleza corporal, “[...] fundamental para a vitória do corpo magro sobre o gordo, no decorrer do século XX.”

No entanto, outro viés da dinâmica atual do consumo é a promoção, em certa medida, da democratização do ser, colocando o consumidor na posição de estilista de si, através da variedade e de um maior acesso aos produtos de moda atualmente, compondo o que Mesquita (2011, p. 221) chama de “supermercado de estilos”. É nesse aspecto que a moda é uma das principais vias de acesso às identidades e às subjetividades possíveis ao ser humano, tendo o corpo como protagonista, já que visível. Lipovetsky (1989) evidencia o caráter democrático da moda que, para além da possibilidade de individualização, também proporciona a de autoconstrução pela roupa – não somente roupa, mas moda, através do trabalho simbólico e da criatividade, de quem usa e de quem faz, para a produção de elementos de significação.

Evidente, também, a influência da moda na vida cotidiana em sua relação direta com o corpo, já que ele ganha significado na sociedade quando vestido de moda; a aparição significativa do sujeito acontece justamente através das duas instâncias: corpo e roupa. Oliveira (2011, p. 94) reflete sobre a relação entre esses dois elementos de configuração da presença, ao questionar se “[...] tanto a roupa faria empréstimos, doações ao corpo, como também o corpo à roupa” e

como os valores estéticos estão investidos em ambos. A autora demonstra que a forma da roupa, por sua amplitude, espessura de seu tecido, consistência e textura, tem relação direta com o corpo, pois propõe a ele uma forma e um modo de se movimentar. Castilho e Vicentini (2011, p. 130) evidenciam o papel do corpo, admitindo que é ele “que responde esteticamente e que interage na performance do sujeito quando em uso de determinada textura [...]”. Por sua vez, Cidreira (2013, p. 108) discorre sobre a mutualidade entre corpo e roupa na construção da presença corporal:

A personalização que assistimos hoje no universo da moda advém justamente da descoberta da possibilidade de ‘modelização’ do produto. Podemos afirmar que tal possibilidade é, na verdade, a radicalização da potencialidade que reveste todo ‘ato de vestir’. O próprio fato de que a adoção de uma vestimenta se dá num corpo, de que esta presença corporal reveste a veste e que o corpo modela a forma que a roupa assume, exhibe a dinâmica performativa do ‘ato de vestir’.

Podemos pensar na composição pessoal como um modo próprio de formar o corpo. Para Pareyson (1993), o processo formativo, configurador de um modo, está presente em todas as esferas humanas. Junto ao pensamento e à moralidade, o modo de formar revela determinada realidade do ser humano, seus modos de pensar e agir, culminando também em uma aparição estética e poética do corpo, o que revela determinado estilo. O autor mostra que estilo, ou modo de formar, acontece tanto no nível pessoal quanto no “suprapessoal”, o que revela também modos e gostos comuns em determinada época e cultura.

Por parte de quem usa a roupa, na construção de si, Simmel (2008) nos lembra que há uma influência da distinção social, que o autor, inclusive, argumenta ser o motor das mudanças da moda, através do dualismo imitação/diferenciação de classes. Também entram no âmbito das escolhas de moda as seleções pessoais dos traços indumentários no espaço social da cultura. Barthes (2009) indica que tais escolhas correspondem, por um lado, aos valores de uma sociedade e, por outro, a suas normatizações momentâneas, apresentadas pela moda. Deste modo, cada composição pessoal é feita de acordo com o significado social que se almeja transmitir (e se pensa estar transmitindo), manifestando simbolicamente suas equivalências com o mundo, com o meio sociocultural e com a moda.

Assim, a roupa, em conexão direta com o corpo, evidencia não só concepções pessoais na aparição, mas ideias e valores sociais de moda e de corpo. A construção da aparência, hoje, se dá, como vimos, pelo conjunto *forma corporal/estilo de moda*, e, nessa dinâmica, o corpo magro feminino é a imagem dominante na cultura contemporânea. Esse é o modelo difundido pelas imagens nos meios de comunicação (KATZ, 2011, p. 74), reforçada pelas imagens do mundo da moda e pelas formas das roupas, que, segundo Mesquita (2011, p. 223), são “[...] de todos os tamanhos [mas] no mesmo projeto de modelagem! É como se todos coubessem naquela roupa!” Evidente que há traços distintivos mesmo nos *corpos da moda*, como aponta Katz (2011, p. 74), mas esta autora reconhece: contanto que não violem o modelo corporal dominante.

É no questionamento da normalização desse padrão corporal magro feminino que a pesquisa proposta se debruça, buscando compreender em que medida o mundo da moda, onipresente em todo o mundo na atualidade, influencia nesse processo, tendo em vista a diversidade cultural e as consequentes variações da ideia de beleza corporal em culturas distintas. Nosso questionamento parte do discurso dos profissionais do mundo da moda, que defendem a necessidade do corpo magro feminino para que a roupa sobressaia ao corpo, tendo como contraponto a realidade e o imaginário dos curvilíneos corpos da mulher brasileira. Entendendo, pois, a moda, e todo o universo que agencia, enquanto expressão cultural, investigaremos em que medida ela contribui para a conformação do olhar estético e poético contemporâneo sobre a ideia de beleza do corpo, que se dá no meio sociocultural. Portanto, esse texto apresenta as primeiras bases teóricas que deram origem a esse projeto.

#### **Notas teóricas sobre corpo, moda e cultura**

O modo de formar o corpo entre as mulheres revela um gosto geral por um modelo relativamente magro na contemporaneidade: a todo o tempo se quer emagrecer, em busca não só da saúde, mas *desse* “corpo belo”. Castro (2001) observa que é difícil situar historicamente o momento da valorização do corpo magro feminino na história, que já registrou diferentes tipos corporais.

Se nos debruçarmos somente sobre a história moda no século XX do mundo ocidental (BAUDOT, 2008; MACKENZIE, 2010; MENDES e HAYE,

2009), veremos uma variedade de modelos de corpo feminino. Pode-se identificar que os anos 1920 revelaram uma estética corporal esguia e esbelta, refletindo a leveza dos esportes que começavam a ser difundidos e o dinamismo da crescente urbanização. Mas não foi esse o modelo corporal dos anos 1950, quando ganhou curvas; nessa época, o corpo passa a ser exposto pela revolução de veraneio (férias remuneradas, acesso às praias etc.). Nos anos 1960, a revolução sexual se acentua e os corpos têm na moda jovem das ruas um dos principais instrumentos de transgressão e conflito. Nos anos 1980, o corpo é supervisionado através da geração saúde, que privilegiou o cuidado com o corpo através das academias. A partir dos anos 1990, é o corpo magro que a mulher, em geral, passa a perseguir no cuidado de si, como pode ser observado pela propagação da cultura das dietas e o crescimento da indústria do *diet* nessa década (CASTRO, 2001).

Para pensar a conformação dos ideais de corpo em cada contexto, recorreremos a Le Breton (2007), para quem o corpo deve ser pensado além de sua dimensão biológica: engendra aspectos físicos, aqueles com menor porcentagem de manobra, e envolve simbolismos provisórios, em voga no meio sociocultural a cada época e situação. A existência do corpo no mundo implica as dimensões pessoal, social e cultural, interferindo em seus modos de ação e representação. É, como defende o autor, local do simbólico, de inscrição e representação de imaginários, “espelho do social”, na medida em que é suporte de significações elaboradas e negociadas em uma coletividade, acabando por revelar traços sociais de uma cultura.

Admitimos com Geertz (2008) que a cultura se refere a estruturas significantes nas quais o ser humano é imbricado, mas as quais é o responsável por também elaborar; ainda, entendemos, como Simmel (1998), que o processo cultural é oriundo da relação mútua entre o indivíduo, com sua dimensão subjetiva, e a sociedade, na relação de ambas com a dimensão objetiva do mundo, na troca e elaboração desses significados.

Os valores e o imaginário de uma sociedade e de sua cultura suscitam práticas cristalizadas no corpo, tornando-os perceptíveis não só em suas expressões mais visíveis – como o modo de se movimentar e as cores e formas das roupas escolhidas para o vestir –, mas em outros aspectos da vida, como a

dor, a morte e a beleza. Le Breton (2007) reconhece que entender o corpo como elemento da cultura não se trata somente de desenhar gestos, manifestações, valores e gostos, ou ainda pretensos padrões culturais fixos (como se fosse possível segui-los fielmente), mas sim um *modo* que se encontra entre o pessoal e o social e que indica como o sujeito vai perceber, sentir, valorar e expressar: o *como* que revela o *que vai mostrar* pelo corpo, sempre em conexão com cada subjetividade. Deste modo, tornam-se perceptíveis no próprio corpo os imaginários que cada sociedade tem sobre ele, além de traduzir a própria vida individual, que é influenciada sobremaneira pela cultura do social.

Assim, tendo por pretensão pensar nos padrões estéticos corporais engendrados por uma cultura, voltamos ao pensamento de Pareyson (2001, p. 5), que entende a estética como reflexão “[...] na qual entra toda experiência que tenha a ver com o belo e com a arte [...] a contemplação da beleza, quer seja artística, quer natural ou intelectual [...]”.

Admitindo o ambiente da cultura como conformado justamente pela capacidade inventiva do homem em uma base de costumes e valores, Pareyson elenca os fatores que fazem com que um modo de formar se torne comum: “[...] pela participação em uma mesma situação histórica e no ambiente cultural em que estão igualmente imersos os vários atores, por um lado ligados a seu tempo e, por outro, capazes de reagir livre e originalmente à sua época” (1993, p. 36); pelo fato de que não se começa do nada; e por considerar que toda realização, especialmente as que têm êxito, estimulam imitações inventivas que tornam-se princípios reguladores das novas criações. “Eis por que o gosto é sempre histórico, e varia com o variar dos tempos, pois no tempo variam as diversas formas de cultura e espiritualidade.” (*ibidem*, p.35).

Vemos com Lipovetsky (1989) que a moda se desenvolveu como modo da própria sociedade ocidental desde a modernidade, com sua lógica efêmera e novidadeira. Hoje, junto à indústria que a rege, é indissociável da vida social na contemporaneidade, como defende Barnard (2003), sendo componente que influencia na conformação da espiritualidade dessa época. Juntamente a outras instituições sociais, o universo da moda, sua indústria e suas roupas, são elementos da cultura que compõem a “teia de significados” que Geertz (2008) postula: um processo que, mesmo mutante, organiza a vida do homem. Nesse

ensejo, a moda é um dos principais sistema de signos que media significados corporais no espaço da cultura, tanto pela influência de sua indústria, ancorada pelos artifícios do consumo, como a publicidade (LIPOVETSKY, 1989), quanto pela capacidade inventiva do homem na criação da moda e na criação de suas próprias performances sociais utilizando a moda no corpo.

Por isso, entendemos que o mundo da moda pode dar pistas da concepção corporal que busca essencialmente o emagrecer. Conforme visto em Baudot (2008), a moda dos anos 1990 ainda buscava privilegiar o corpo cuidado e glorificado pelos esportes e outros investimentos. “Jamais, desde a Grécia antiga, a imagem vai valorizar, esculpir e mostrar tanto uma anatomia cada vez mais asséptica em busca da perfeição.” (*ibidem*, p. 319). O fenômeno das supermodelos aparece nesse contexto como a representação dessa imagem feminina endeusada, através de corpos cada vez mais magros utilizados pelo mundo da moda, “[...] como a Calvin Klein, que [em 1993] elegeu a esquelética modelo Kate Moss como musa grunge de suas campanhas publicitárias.” (MACKENZIE, 2010, p. 119). Apesar das denúncias<sup>2</sup> aos excessos provenientes dessa estética corporal, como evidenciado por Mendes e Haye (2009), o arquétipo do corpo magro feminino se estabeleceu nos anos 2000, difundido principalmente pelo mundo da moda e que tem, como uma das mais evidentes representantes, a modelo brasileira Gisele Bündchen.

No entanto, devemos avançar na questão e evidenciar a problemática na existência de várias possibilidades de modelos corporais, pois que a generalidade esbarra no limite das diferenças, que ganham cada vez mais espaço nos dias de hoje. Na atualidade, a atenção e o cuidado corporais ganham destaque, mas não só o tão propagado corpo magro é almejado. Nos voltamos, pois, o caso do Brasil: em primeiro lugar, não se trata somente de preferência e adequação ao corpo que é propagado pela indústria da moda global; como notadamente conhecido, o corpo da brasileira é curvilíneo, fruto de peculiar mestiçagem. A própria modelo Gisele Bündchen é conhecida por apresentar, como um diferencial no próprio mundo da moda, curvas no corpo esguio. Citando Amálio Pinheiro, na América Latina

---

<sup>2</sup> A voga de modelos magérrimas provocou críticas à indústria da moda, especialmente em 1997 e 1998, com a presença de modelos pré-adolescentes (MENDES; HAYE, 2009, p. 264).

[...] o corpo, com suas dobraduras e curvaturas, como lugar de convergência dos códigos e séries da cultura: voz, dança, performance, alimentação, vestuário, mobilidade urbana. A natureza, antes reduzida e domada pelo impulso positivista da ciência moderna, retoma o seu posto na cultura: enrosca-se nos corpos e nas palavras. A chamada razão ocidental é substituída por um laboratório de experiências sensíveis em que tomam a dianteira a desmesura barroca e a intensidade performática da cultura carnal e gestualmente incorporada. (2011, p. 177)

Portanto, também as próprias características corporais locais, aliadas ao modo de vida e às práticas culturais brasileiras, evocam tanto realidade quanto imaginário sobre o corpo feminino *do* e *no* país; aos critérios de beleza, mesmo impregnados pela lógica global, aliam-se outras características. Atualmente, presencia-se a convivência de modelos corporais ideais diversos no Brasil, que culminam, principalmente, nos corpos de tipo “*fitness*”, “saúde”, “fruta” e “modelo”, todos eles relacionados à atenção com a aparência na contemporaneidade.

É possível observar, que, no caso do Brasil, a mutualidade entre roupa e corpo para a formatação da aparência aparece de maneira peculiar em muitos dos usos cotidianos da moda pelas mulheres: as peças são quase sempre justas para a maioria da população feminina, evidenciando as curvas – existentes ou não – em cada mulher. Reconhecendo o mundo da moda como presente de forma global na sociedade, e admitindo a influência que os principais mercados têm sobre as modas vestimentares e os corpos em todo o mundo, podemos nos questionar em que medida a moda lançada e difundida por cidades como Paris, Milão, Londres e Nova Iorque (reconhecidamente os polos mundiais da moda) influenciam na ideia de corpo belo e nas performances do corpo vestido em outros países e culturas.

Gilberto Freyre (1987), apreciador do corpo da mulher brasileira como um “corpo equilibrado de contrastes”, ao pensar sobre *Modos de homem, modas de mulher* na década de 1980, dizia sobre os excessos da imitação proporcionada pela moda e criticava o impacto que o corpo da mulher brasileira – também relativo à cor da pele e dos cabelos – recebia do modelo corporal europeu.

Pode-se dizer da mulher que tende a ser, quanto a modas para seus vestidos, seus sapatos, seus penteados, um tanto maria-vai-com-as-outras. Portanto, a corresponder ao que a moda tem de uniformizante. Mas é da argúcia feminina a iniciativa de reagir contra essa uniformização absoluta, de acordo com características pessoais que não se ajustem a imposições de uma moda disto ou daquilo. Neste

particular, é preciso reconhecer-se, na brasileira morena, o direito de repudiar modas norte-europeias destinadas a mulheres louras e alvas. (FREYRE, 1987, p. 33)

A pertinência da questão aqui posta se dá quando é possível observar, inclusive no imaginário geral sobre o corpo da mulher brasileira, que a cultura do país estabelece uma relação especial com o corpo e a moda, em que se prefere evidenciar o corpo ao invés de escondê-lo ou disfarçar, como, segundo Malysse (*apud* GOLDENBERG, 2006), acontece com a mulher parisiense. A ideia de corpo belo em âmbito brasileiro, suspeitamos, se encontraria entre a influência europeia de alcance global, protagonizada pelo mundo da moda, e o próprio modo de vida local, cunhado ainda mais na aparição corporal, e que teria na valorização das curvas o parâmetro de beleza.

### **Considerações Finais**

Como parte da dinâmica sociocultural, a ideia do corpo belo evoca, especialmente nas mulheres, não só a necessidade da beleza, mas uma ideia de beleza que circula na cultura, visada na construção de si e às vistas das outras pessoas. O resultado formativo, ou a aparição final do sujeito como corpo vestido, é composto de elementos das experiências pessoais e culturais, influenciado, em grande medida, por uma poética de uma época e local específicos.

Cada sociedade e sua dimensão cultural modelam esse corpo e o definem enquanto belo, através de valores, instituições e simbolismos em voga; alguns desses elementos que operam e reivindicam condições corporais diversas são evidenciados atualmente, relacionados a raça e gênero, à cultura do bem-estar, da saúde e do ser saudável. Também o mundo da moda, como onipresente sistema e indústria, especialmente no mundo ocidental, faz parte da composição desses elementos de referência e valores na constituição dos ideais de beleza corporal; podemos fazer referência ao exigido “corpo cabide” das passarelas, que daria destaque às roupas apresentadas. Podemos pensar em que medida o êxito desse modelo corporal no ocidente, veiculado pelo mundo da moda, nos faz tomar-lhe como matriz de gosto e expectativa.

## Referências

- BARTHES, Roland. Sistema da moda. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BARNARD, Malcolm. Moda e comunicação. Trad. Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BAUDOT, François. Moda do século. Trad. Maria Teresa Resende Costa. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- CASTILHO, Kathia; VICENTINI, Claudia Garcia. *O corte, a costura, o processo e o projeto de moda no re-design do corpo*. In: CASTILHO, Kathia; OLIVEIRA, Ana Claudia de (orgs.). *Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo*. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2011. pp. 125-135.
- CASTRO, Ana Lúcia de. Culto ao corpo e sociedade: mídia, cultura de consumo e estilos de vida. Campinas: UNICAMP, 2001. 186 p. Tese (Doutorado), Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. As formas da moda: comportamento, estilo e artisticidade. São Paulo: Annablume, 2013.
- FREYRE, Gilberto. Modos de homem, modas de mulher. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. In: Arquivos em Movimento. Rio de Janeiro, v.2, n.2, julho/dezembro, 2006.
- KATZ, Helena. *Por uma teoria crítica do corpo*. In: CASTILHO, Kathia; OLIVEIRA, Ana Claudia de (orgs.). *Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo*. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2011. pp. 69-74.
- LE BRETON, David. A sociologia do corpo. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. Antropologia do corpo e modernidade. Trad. Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MACKENZIE, Mairi. Ismos: para entender a moda. Trad. Christiano Sensi. Globo: 2010.
- MENDES, Valerie; HAYE, Amy de la. A moda do século XX. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- MESQUITA, Cristiane. *A moda à espera dos corpos: um olhar sobre o discurso da “liberdade de escolha”*. In: CASTILHO, Kathia; OLIVEIRA, Ana Claudia de (orgs.). *Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo*. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2011. pp. 219-229.
- OLIVEIRA, Ana Claudia de. *Visualidade processual da aparência*. In: CASTILHO, Kathia; OLIVEIRA, Ana Claudia de (orgs.). *Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo*. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2011. pp. 93-104.
- PAREYSON, Luigi. Estética: teoria da formatividade. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_. Os problemas da estética. Trad. Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PINHEIRO, Amálio. *Notas sobre conhecimento e mestiçagem na América Latina*. In: MESQUITA, Cristiane; PRECIOSA, Rosane. *Moda em ziguezague: interfaces e expressões*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. pp. 177-184.

SIMMEL, Georg. *O conceito e a tragédia da cultura*. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. *Simmel e a modernidade*. Brasília: UnB, 1998(b), pp. 79-108.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da moda e outros escritos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

VAZ, Paulo. *Corpo e risco*. In: VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred; KOSOVSKI, Ester (orgs.). *Que corpo é esse? – Novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012. pp. 187-205.